

HABITAR NINHOS

R. T. Bortolin
Rua São Brás, 42, Florianópolis/SC, 88.050-013 rosanabortolin@gmail.com
Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC

RESUMO

Essa apresentação traduz o percurso de estudos, reflexões, pesquisas e procedimentos dedicados à elaboração de um conjunto de trabalhos artísticos realizados com a terra, com a cerâmica, sobre a temática dos ninhos e casulos a partir das vivências que meu corpo atual e consciente tem com a natureza que me cerca. As vivências no meu olhar são o envolvimento de entrelaçamento entre a arte e a vida. As reflexões desencadeadas por essas vivências fazem uma relação análoga dos ninhos e casulos com a casa e com meu corpo enquanto ninho primordial, abordando a seqüência de fatos que se dá no processo de reprodução da vida. Faz uma reflexão sobre o fazer cerâmico a partir das vivências decorrentes das descobertas da imagem poética, dos ninhos e casulos, que meu corpo operante e consciente percebe na natureza ao meu entorno, e mostra o resultado da pesquisa poética através das imagens das obras.

Palavras-chave: Terra, Cerâmica, Ninho, Casulo e Corpo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza uma análise reflexiva do fazer cerâmico a partir das vivências decorrentes das descobertas dos ninhos e casulos que meu corpo operante e consciente percebe na natureza ao meu entorno. Deste fazer resultaram várias participações em exposições individuais e coletivas - e simpósios no Brasil e no exterior -, as quais algumas delas serão aqui abordadas, e a dissertação de Mestrado em Artes denominada “Ninho, casa e corpo”, realizada sob orientação da Prof. Dra. Norma Grimberg, defendida em

2006 na Escola de Comunicação e Artes/ECA da Universidade de São Paulo/USP.

As reflexões aqui realizadas estão pautadas nas idéias de Merleau-Ponty para falar das vivências que, no meu olhar, são o envolvimento de entrelaçamento entre a arte e a vida, e em Gaston Bachelard para falar da imagem poética - a descoberta dos ninhos e casulos. Em Marc Augé, para falar dos *não-lugares*: locais de passagem e sem identidade antropológica, e dos territórios que o corpo ocupa. Pauto-me ainda em Michel Maffesoli, abordando a seqüência de fatos que se dá no processo de reprodução da vida.

Realizo relatos de experiências sobre algumas vivências enquanto ceramista. Exponho as vivências que tive enquanto artista que trabalha com a cerâmica - com a terra - em simpósios internacionais de escultura ocorridos na Espanha e Portugal, e em eventos nacionais onde utilizo imagens do meu corpo representando ninhos e casulos, abordando metaforicamente questões alusivas à casa.

Meu corpo fica mais próximo das coisas que percebo, quando as percebo passam a existir, suscitam questionamentos, passo a ter a necessidade de tatear sua presença física. É uma relação de paixão, e quando as transformo em cerâmica tenho a sensação de que ocorre uma fusão do meu corpo com aquilo que enxergo e com aquilo que crio. Essas reflexões se constituíram em forma de pesquisa a partir de uma vivência ocorrida no verão de 1999, quando observei uma vespa (foto 1) construindo sua casa na parede externa do meu quarto.

Ocorreu-me de congelar o tempo desta construção através do registro fotográfico deste processo. A partir daquele momento, o meu olhar foi gradativamente direcionado às pequenas construções de animais que havia ao meu entorno. Este interesse foi ampliado e passei a descobrir novos casulos e ninhos nos locais por onde passava (foto 2). Os casulos e ninhos, uma vez desvendados pela minha vivência poética, foram utilizados como potencial de criação na minha pesquisa plástica. Meu *corpo tateante, vidente e visível* me fez refletir sobre as imagens dos ninhos e casulos, que foram percebidas pela

seqüência natural e o amadurecimento da visão. A impressão era a de que olhavam para mim, me falavam, e seu discurso me fazia sentir interiormente submergida na sua essência. Meu olho habitava os casulos e ninhos, como diz Merleau-Ponty (1989), *como o homem habita sua casa* (MERLEAU-PONTY, 1989:281). É, portanto, dentro desta visão do corpo operante, tateante e atual, que sou ceramista e abordo aqui essas vivências.



Figura 1: Foto 1



Figura 2: Foto 2

Fonte: Danísio Silva, 1999

Relatos de experiência

Relatos de experiência no meu olhar são vivências, um envolvimento de entrelaçamento entre a arte e a vida. Minhas vivências com a cerâmica são totalmente esse “emprego do corpo”, do qual fala Merleau-Ponty (1989) no seu texto “O olho e o espírito”, não um corpo simplesmente material, mas um “corpo operante e atual”, “aquele que não é um pedaço do espaço, um feixe de funções, mas um entrelaçado de visão e de movimento” (MERLEAU-PONTY, 1989:50).

Se nosso corpo atual se move no mundo visando nossos projetos, como diz Merleau-Ponty (1989), posso dizer que a cerâmica se constitui para mim como expressão total de meu *modo de habitar o mundo*. Assim, *o mundo visível e o mundo dos meus projetos motores são partes totais do meu ser* (MERLEAU-PONTY, 1989:50).

As vivências são as relações que meu corpo tece com a natureza, com o mundo captando suas imagens. Esse corpo tateante utiliza todos os sentidos para operar no modo de perceber, e transformar em cerâmica as coisas que lhe trazem o pensamento. O pensar, o ensaiar, o operar, o transformar as imagens percebidas em formas cerâmicas mantêm o entrelaçamento dos meus atos com o meu imaginário, assim meu corpo se faz atento e se posta sobre minhas ações e minhas palavras.

Habito o mundo percebendo as coisas da natureza, e a biologia é um assunto que me fascina. A convivência que tenho com os elementos da natureza, morando ao lado de uma pequena mata à beira de um manguezal na Ilha de Santa Catarina, proporciona-me um olhar seletivo alusivo ao ciclo de vida das plantas e dos pequenos animais. Respiro a própria natureza, acolho suas imagens e as trago para o meu universo, para minha arte, digerindo-as e modelando-as, sentindo-as com o meu próprio corpo.

A convivência sincrônica com os elementos da natureza redimensiona a minha relação do espaço-tempo e opera na distância que existe entre as coisas percebidas. A intuição desses fenômenos que a mim se apresentam se dão de modo imediato na experiência estética. Uma estética que procura descrever o desvelar da consciência que ocorre durante a vivência imediata frente os objetos.

Meu corpo fica mais próximo das coisas que percebo, quando as percebo, passam a existir, suscitam questionamentos, passo a ter a necessidade de tatear sua presença física. É uma relação de paixão, e quando as transformo em cerâmica tenho a sensação de que ocorre uma fusão do meu corpo com aquilo que enxergo e com aquilo que crio.

O primeiro relato aborda a obra “Ninho de Andorinha”. Em julho de 2000 participei da 4ª edição da Beca de Escultura oferecida pela “Casa Museo Alfonso Ariza”, no município de La Rambla, em Córdoba na Espanha. A poética dos ninhos estava presente na proposta enviada. Meu projeto consistiu em criar ninhos em cerâmica, em escala maior que a natural, a partir da experiência estética vivenciada diante do perceber um ninho feito de barro

encontrado naquele local. O trabalho plástico foi desenvolvido a partir da análise formal do ninho da andorinha, e resultou na construção de dois ninhos com 0,50m de altura e 1m de diâmetro cada, feitos de argilas branca e vermelha intercaladas, que sofreram internamente a incrustação de pregos (fotos 3).

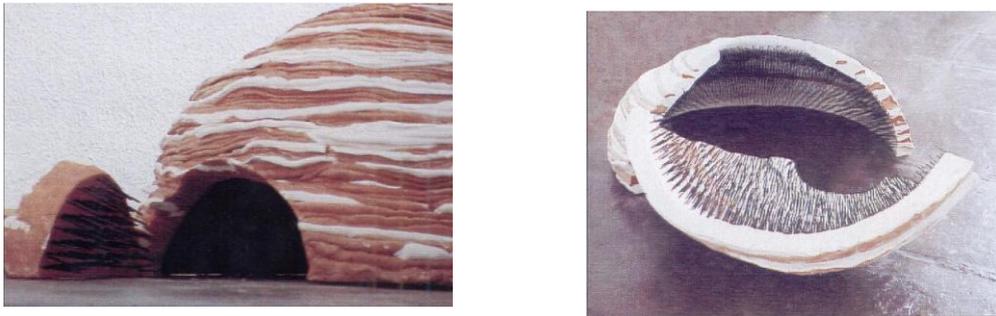


Figura 3: Fotos 3
Fonte: Nacho Rejano, 2000

Percebi que, ao elaborar este trabalho, me deparei com a dificuldade de vivenciar a imagem poética. Sendo que nos dois primeiros dias após a minha chegada na Espanha procurei ninhos pela cidade, os quais não encontrei, formas pré-concebidas de ninhos estavam presentes no meu imaginário. Meu olhar estava *contaminado* por formas que eu já conhecia. Surgiu uma espécie de *bloqueio na percepção visual* e se instaurou a dificuldade de perceber novas formas. Já estava quase desistindo de procurá-los quando entendi que era necessário *descondicionar meu olhar*, manter um certo distanciamento do foco principal e me permitir vivenciar alguns momentos de inércia. Após esses momentos percebi ninhos de Andorinhas em vários locais (fotos 4). Assim, meu corpo operante e atual estava presente, *presente à imagem no minuto da imagem, [...] no próprio êxtase da novidade da imagem* (BACHELARD, 1998:1). Os casulos e ninhos, uma vez desvendados pela minha vivência poética, foram utilizados como potencial de criação na minha pesquisa plástica.



Figura 4: Fotos 4
Fonte: Aline Eischenberg e Rosana Bortolin, 2000

O segundo relato aborda a obra “Ninho de João-de-Barro” (fotos 5). Em agosto de 2001, durante a participação no III Simpósio Internacional de Escultura em Terra (Cota) “HABITAR 2001”, em Portugal, desenvolvi um projeto que consistiu na construção de uma escultura na forma de um “Ninho de João-de-Barro” em escala humana. A escultura resultou numa intervenção no complexo histórico das Ruínas do Castelo no município de Montemor-O-Novo, região do Alentejo.

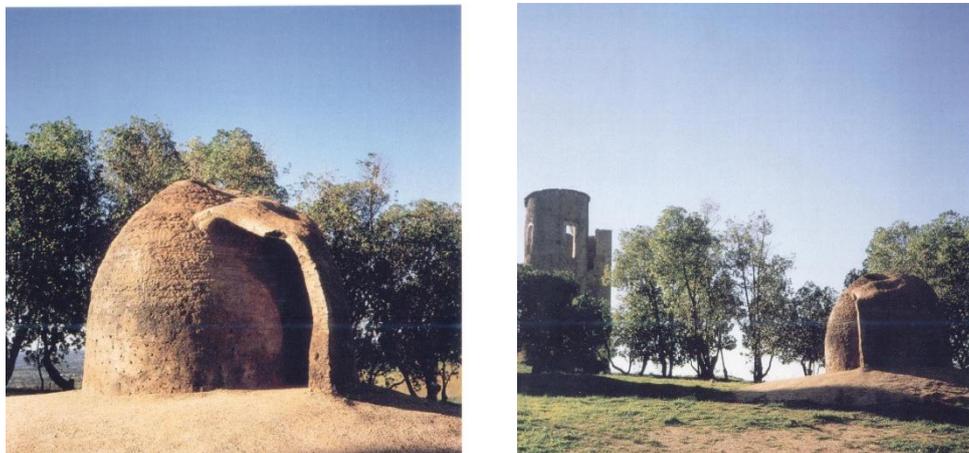


Figura 5: Fotos 5

Fonte: Thiago Fróis, 2001, III SIMPÓSIO DE ESCULTURA EM TERRA (COTA) – HABITAR 2001. Oficinas do Convento- Associação Cultural de Arte e Comunicação, Montemor-O-Novo: Corlito/ Setúbal, Portugal, 2002.

Este trabalho discorre sobre as questões do homem pós-moderno no que se refere ao deslocamento. Retirado de um lugar e reproduzido em outro, o ninho

tornou-se um diferencial no local implantado. A escultura foi construída em escala de casa, feita *in situ*, causando um estranhamento na rotina visual do castelo em ruínas. A intervenção causou uma descontinuidade, um desconforto na visualidade do lugar. O ninho mostrou uma outra face, uma outra possibilidade de ocupação do local. Penso que a intervenção não teria o mesmo impacto que teve em Portugal se tivesse sido feita aqui no Brasil, uma vez que este é um pássaro tipicamente brasileiro, e seu ninho aqui é comum.

O terceiro relato aborda as obras “Meu Corpo é seu Ninho I” (Foto 6), “Meu Corpo é seu Ninho II” (Foto 9) e “Meu Corpo é seu Alimento” (foto 8). Foram trabalhos executados em 2004 e participaram da exposição “Habitar Ninhos” realizada na Galeria Municipal de Artes de Blumenau e na Galeria de Artes da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, SC, em maio e setembro de 2004 respectivamente, e na exposição “Ninho, Casa e Corpo”, realizada no Museu de Artes Visuais Ruth Schneider em Passo Fundo, RS, e na Galeria de Artes Municipal Criciúma, em março e setembro de 2005 respectivamente, e no Centro Empresarial do Aço em São Paulo, em março de 2006. Esses trabalhos nasceram da sensação de perceber meu corpo como uma casa, de projetá-lo metaforicamente dentro das minhas associações pessoais, de me sentir um ninho, de usufruir da capacidade de alojar e de proteger, de me sentir nutridora de vida – me sentir terra.



Figura 6: Foto 6
Fonte: Danísio Silva, 2003

O conceito dessa série de trabalhos foi concebido em junho de 2003, quando me encontrava no último mês de gestação e decidi tomar um banho de barbotina - argila líquida - registrando-o através de um ensaio fotográfico (fotos 7).

Cada vivência possibilita um olhar distinto e uma nova reflexão. Percebo os ninhos e casulos da mesma forma que percebo a casa, enquanto arquétipos, ambos representam um lugar de proteção, de conforto e de aconchego e os elejo como lugares que guardam as lembranças primordiais. Assim, percebo a casa como a extensão do corpo, o espaço que o corpo ocupa, sendo a casa o espaço mediador entre o corpo e o mundo. Também percebo meu corpo como um ninho - um invólucro protetor de outro corpo - a primeira morada de outro ser.



Figura 7: Fotos 7
Fonte: Danísio Silva, 2003

Durante o período da gestação tive a sensação de ser uma casa nômade. Tive o sentimento de me relacionar com o espaço habitado, como o homem pós-moderno se relaciona com a sua morada. Neste sentido, o meu corpo enquanto mulher fecundada carregava em si o próprio ninho, território da primeira morada de um novo ser, referência mais íntima e profunda do feto que ainda não nasceu. Micro-cosmo latente de uma criação. Reflito sobre a forma como ele opera com a natureza, concretizando estas reflexões através da cerâmica.



Figura 8: Foto 8
Fonte: Danísio Silva, 2004



Figura 9: Foto 9
Fonte: Danísio Silva, 2004

CONCLUSÕES

Ao fazer a reflexão sobre as obras aqui descritas, pude tomar consciência da minha relação fenomenológica com o mundo que habito. Assim, pude concluir que um trabalho de arte pode ser realizado em qualquer espaço físico, e o fator determinante para que isso aconteça é a experiência do artista com o lugar. O modo com que o artista opera com o lugar e a sua interferência nele criarão uma nova configuração espacial que o ressignificará. É assim que percebo os ninhos e casulos na natureza e os relaciono com a casa e com o corpo enquanto casa. É o meu *corpo consciente* presente no mundo que me cerca que faz com que as coisas existam para mim. Desta forma constato que o trabalho de arte sempre vai além daquilo que foi projetado. As reflexões que

desencadeiam o processo do fazer, e as experiências estéticas que se dão quando o trabalho se instaura, provocam a inclusão de conteúdos inesperados. Quando realizei, por exemplo, o trabalho “Ninho de João-de-Barro”, estava pensando nas questões da intimidade que se referem ao arquétipo do ninho, e o trabalho pode ser penetrado não só por mim, mas por aquele que desejar, assim esta intimidade é quebrada pela inclusão da coletividade. Deste modo, ao instalar a obra, surgiram novas significações exploradas pelos fruidores, e assim passei a incorporar a participação dos espectadores no trabalho. Minha experiência com a cerâmica não se limita ao uso da argila queimada, introduzo outros materiais, outras linguagens, que no meu entender dialogam, ampliam e transformam o modo de coexistência desses elementos com o barro e com o conceito dos trabalhos que elaboro. Utilizo a fotografia, a música, a eletrônica e a mecânica para essas elaborações artísticas. A exemplo dos trabalhos “Meu Corpo é seu Alimento I”, onde um sensor de presença aciona o mecanismo de um liquidificador industrial, instalado no interior do ninho modelado, jorrando barbotina (argila líquida) sobre o orifício da parte superior do ninho, ou no trabalho “Meu Corpo é seu Ninho II”, onde uma fonte jorra constantemente argila líquida em um tubo de laboratório, bem como o som constante do batimento cardíaco de um feto.

O trabalho de arte é descoberta e vivência, é o estar no mundo e fazer a opção de produzir novas realidades a partir de um processo de criação. É a procura incessante de algo essencial, é um dos meios para o ser humano religar-se com o mundo, entrar em contato com estados superiores de consciência, a partir da experiência do sujeito no mundo. O artista opera com o corpo e com a alma, e a arte tanto é imanência como transcendência, porém ela está sempre subordinada à intenção do artista.

Percebo que a idéia do corpo como ninho, como abrigo, e como a casa, presente nos trabalhos “Meu Corpo é seu Ninho I”, “Meu Corpo é seu Ninho II” e “Meu Corpo é seu Alimento I”, veio confirmar a questão do ciclo existente no meu processo de criação. Esse ciclo inicia com meu corpo, presente e consciente percebendo formas tão pequenas que se perdem na palma da mão. Meu olhar tateante vê os minúsculos ninhos e casulos na natureza ao meu entorno. Percebe essas imagens, as transforma conscientemente em

cerâmicas em forma de casulos e ninhos com diferentes escalas, onde podem ser adentradas como a casa. E num eterno retorno, volta para a essência da vida, a intimidade do ser, utilizando o próprio corpo como poética, como potencial de criação no universo da arte, dialogando intencionalmente com o ninho primordial, a primeira casa daquele que ainda não nasceu. O corpo como micro-cosmo latente de uma criação. Essas reflexões se deram a partir do banho de argila, onde meu corpo vidente percebeu que sua essência atômico-elementar é feita do mesmo estofado do mundo.

Toda reflexão teórica aqui realizada aponta para uma unidade na minha produção artística que busca estar inserida no contexto de nosso tempo, como parte da vida e não à parte dela. Assim, toda a reflexão narra o esforço de um processo criativo que quer dar uma coesão e faz uma fusão da arte com a vida. Acredito que todo esse processo reflexivo me fez compreender o quanto é vivencial meu processo artístico e o quanto essas vivências se fazem necessárias para que meu corpo suporte sua efemeridade neste mundo que habito.

REFERÊNCIAS

Livros:

AUGÉ, Marc. ***Não-Lugares Introdução a uma antropologia da supermodernidade***. 3ª ed, Campinas: Papyrus, 2003.

BACHELARD, Gaston. ***A Poética do Espaço***. 3ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. ***A Terra e os Devaneios da Vontade***. 1ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KRAUSS, Rosalind. ***Caminhos da Escultura Moderna***. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAFFESOLI, Michel. ***A Sombra de Dionísio contribuição a uma sociologia da orgia***. 1ª ed, Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. ***O Visível e o Invisível***. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. ***Fenomenologia da Percepção***. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Textos Escolhidos**. Florianópolis: Victor Civita, 1989.

ROCHA, Carlos Miguel. **III SIMPÓSIO DE ESCULTURA EM TERRA (COTA) – HABITAR 2001**. Oficinas do Convento - Associação Cultural de arte e Comunicação, Montemor-O-Novo: Corlito/ Setúbal, Portugal, 2002.

TO LIVE IN NESTS

ABSTRACT

This presentation translates the path of studies, reflections, researches and procedures dedicated to the elaboration of a set of artistic works done with soil, with ceramics, about the nests and cocoons thematic from the experiences that my current and conscious body has towards the nature that surrounds me. These experiences, from my sight, are the involvement of intertwining between art and life. The reflections unchained from these experiences make an analogue relation of the nests and cocoons with the house and my body while primordial nest, approaching the sequence of facts that happens in the process of life's reproduction. It reflects about the making ceramics from the experiences due to the discoveries of poetic images, of the nests and cocoons, that my conscious and operative body perceives in nature around me, and shows the result of the poetic research through the works' images.

Key-words: Soil, Ceramics, Nest, Cocoon and Body.